

Guiomar de Grammont

Por Paula Zambelli*

Curadora da homenagem ao Brasil no Salão do Livro de Paris de 2015, Guiomar de Grammont tem uma visão privilegiada da literatura brasileira, fruto dos diferentes lugares dos quais a observa e produz. Como escritora, recebeu o prêmio Casa de las Américas pelo livro *Fruto do vosso ventre*, em 1993. Publicações como *Aleijadinho e o Aeroplano: paraíso barroco e a construção do herói colonial* (2008) e *Don Juan, Fausto e o Judeu Errante em Kierkegaard* (2003), revelam outra faceta, a de professora e pesquisadora. Guiomar é doutora em Literatura Brasileira pela USP, foi professora visitante na EHESS de Paris e leciona na Universidade Federal de Ouro Preto, onde dirigiu o Instituto de Filosofia Artes e Cultura. No mercado editorial, foi diretora executiva de ficção nacional na Editora Record. Três percursos que se encontram e acomodam perfeitamente na curadoria de eventos literários nacionais e internacionais, aos quais se dedica há mais de uma década, desde a criação do importante e longo Fórum das Letras de Ouro Preto.

* Doutoranda em literatura brasileira no Centre de recherches sur les pays lusophones da Universidade Sorbonne Nouvelle – Paris 3, dedica-se à pesquisa: “Les anthologies littéraires au Brésil : dialogues avec l’identité nationale.” Encontrou Guiomar de Grammont em 13 de março de 2015.

A conversa a seguir ocorreu em Paris, poucos dias antes da abertura do Salão do Livro de 2015. Na fala cativante e despreziosa de Guiomar, percebe-se a complementaridade de suas facetas e compreende-se a complexidade da função assumida por ela.

Paula Zambelli – Além do Fórum das Letras, você foi curadora de algumas bienais do livro no Brasil. No exterior, foi responsável por eventos como o Letras em Lisboa e a homenagem ao Brasil na Feira Internacional de Livros de Bogotá. Quais as especificidades dessa nova curadoria, em Paris?

Guiomar de Grammont – É verdade. No exterior, eu organizei a homenagem ao Brasil na Feira do Livro de Bogotá. Mas dessa vez, era diferente, pois me interessava muito surpreender com a lista dos autores. Queria uma lista que realmente representasse as regiões do Brasil, que representasse as etnias. Temos, por exemplo, cinco autores afrodescendentes nessa lista, três indígenas. Ao mesmo tempo, queria que ela tivesse qualidade literária, uma literatura densa, uma literatura que falasse dos problemas brasileiros, que tocasse no osso das coisas. Eu estou muito satisfeita com o resultado que foi alcançado e acho que a participação do Brasil no Salão vai ser excelente.

E como foi a recepção da seleção, no Brasil?

A lista foi muito bem recebida pelos jornais. Quase sem críticas. Os jornais ficaram, eles também, sem ação diante da diversidade da lista. Não tinha como criticá-la porque ela era muito interessante.

Você fala em literatura densa, em tocar no osso das coisas. Isso me remete ao seu artigo “Ler devia ser proibido”¹, que termina com a frase “ler torna o homem perigosamente humano”. É possível relacionar essa frase à seleção dos autores?

Eu acredito na leitura como transformação do mundo, como possibilidade de fazer com que as pessoas sonhem, desejem melhorias em

⁴ Guiomar de Grammont, “Ler devia ser proibido”, in Janson Prado e Paulo Condini (orgs.), *A formação do leitor: pontos de vista*, Rio de Janeiro, Argus, 1999, pp. 71-73.

suas vidas. Porque elas saem de si através da literatura, transcendem a condição, o mundo, o lugar onde estão e passam a viver em outras peles. Peles que não são necessariamente melhores. Não estou falando da literatura açucarada, edulcorada, que mostra mundos melhores, estou falando da literatura como uma possibilidade de uma pessoa ver que pode mudar, refletir sobre a sua realidade; ver que é possível conquistar outras realidades para si mesmo, que é possível ter um poder sobre a sua própria vida, tomar as rédeas do seu destino, da sua vontade. É disso que eu estou falando: desse que é o grande poder de transformação, do que é subversivo na literatura. É por isso que ela torna o homem perigosamente humano.

Como essa visão da literatura, juntamente com as exigências estéticas e de representatividade equilibraram-se, na prática?

É um equilíbrio, às vezes, difícil. Na verdade, minha vontade era de trazer mais autores, queria trazer 500 autores. Não é fácil ter que privilegiar alguns. Nós convidamos, pelo menos, mais 20 autores, que recusaram por diferentes razões, de saúde ou indisponibilidade. O que acabava sendo interessante, porque cada autor que recusava tinha estado na lista, ele se sentia na lista e dava oportunidade para convidarmos outro. Não é uma coisa matemática, não é uma proporção. Quero dizer que o processo é muito intuitivo, não é algo que se diga: “esses são os bons e por isso são os escolhidos”. De forma alguma. Há muitos bons autores que não virão a Paris, por diferentes razões: não tiveram oportunidade de ter suas obras publicadas na França – e essa era uma condição para que o autor viesse, por exemplo. Então, há muitas variáveis que determinaram essa escolha e, sem dúvida, esses fatores pesavam para nós o tempo todo. Colocávamos sempre na balança: qualidade literária, gênero, região... Vamos supor: se temos dois autores de boa qualidade literária, homens, do sudeste e uma mulher do nordeste, de boa qualidade literária, às vezes, a mulher do nordeste vai ficar com a vaga, em detrimento daquele homem do sudeste, para gerar esse equilíbrio. Tudo foi muito pensado para alcançarmos essa diversidade.

A respeito das relações culturais entre o Brasil e a França, você acredita que ainda haja resquícios da relação espectral que a literatura brasileira desenvolveu com a Europa durante tanto tempo? Essa questão é levada em conta na curadoria do evento?

Nós já temos uma visão mais madura da nossa literatura e da relação com a França. Acho que os próprios franceses já têm uma demanda de um aprofundamento desse olhar sobre a cultura brasileira. Viu-se isso quando um site colocou uma imagem de moças em Copacabana para divulgar a participação do Brasil no salão e as reações mais contrárias ao ato foram justamente de franceses. Já há um interesse muito grande pelo Brasil, aqui, uma simpatia pela literatura brasileira, uma abertura para o Brasil. Isso é maravilhoso, mesmo que ainda haja um interesse do leitor por algumas questões que, para nós, são mais periféricas. Espera-se de um autor brasileiro um certo engajamento social, não é verdade? Às vezes, é mais difícil assimilar um autor que tenha uma literatura mais intimista. Hoje em dia já há essa abertura, para uma literatura com a da Adriana Lisboa, que não necessariamente fala dos problemas brasileiros. De todo modo, na programação, percebe-se que nós também quisemos colocar alguns temas caros aos franceses, como a questão indígena, o futebol, que estão retratados ali.

Certamente ainda há um jogo de influências muito forte. Mas agora não só da França para o Brasil, como também do Brasil para a França. Continuamos tendo muito em comum e continua havendo uma assimilação de hábitos, de mitologias, de formas, de manifestações culturais. Há uma simpatia enorme entre as nossas culturas e muito a ganhar no aprofundamento dessas relações.

Durante uma conferência na Sorbonne Nouvelle, em novembro de 2014, você manifestou a vontade de ver Paris tomada pelas manifestações culturais brasileiras durante o Salão...

E nós conseguimos, com um conjunto de eventos culturais paralelos ao salão como, por exemplo: o lançamento das antologias bilingües da Academia Brasileira de Letras, na Sorbonne Nouvelle e na Maison de l'Amérique latine; o lançamento da tradução de cartas de Clarice Lispector nas Editions des Femmes; a exposição sobre Macha-

do de Assis na UNESCO; uma programação de filmes brasileiros na Cinémathèque Française.

Pensando no aspecto mercadológico, para esses autores em diferentes pontos da carreira, o que representa ser traduzido, publicado e ter esse espaço privilegiado de divulgação na França?

É importantíssimo. Os autores brasileiros valorizam muito isso e eles têm razão. Os autores que têm a oportunidade de estar no salão e de publicar um livro aqui são mais valorizados no Brasil. As editoras tendem a publicar outros livros deles, os leitores tendem a buscar esses livros. Por isso, é muito importante ser publicado no exterior e, sobretudo, aqui, porque a França é um país leitor. A reputação de ser publicado aqui é maior do que a de ser publicado em outros países, sem a menor dúvida.

Um evento como esse acrescenta uma dimensão de espetáculo à literatura. O leitor torna-se público. Como você vê essa passagem e os lugares da obra, do autor e do leitor/público em eventos literários?

Nós vivemos na sociedade do espetáculo. De fato, muitas vezes, as pessoas se interessam mais pela figura do autor – por sua história, sua biografia – do que pela obra. Muitas vezes, a obra é secundária, no Brasil, sobretudo. As pessoas vão a lançamentos e ainda acontece um fenômeno muito engraçado: a pessoa leva um livro de casa para o autor assinar, mas um livro que não é daquele autor; ou pede um autógrafo dele num papelzinho, como se ele fosse uma estrela de cinema, da TV, sem pensar que o autógrafo teria que ser no livro dele.

E a que você atribui isso?

Isso acontece, também, porque o livro ainda é caro para a população brasileira. Seria preciso, creio, mexer no preço do livro. Subsidiar de alguma maneira. Por outro lado, eu acredito que possa acontecer um fenômeno contrário – e acontece – das pessoas conhecerem o autor e terem vontade de ler a obra. Ouvirem o autor falar sobre a obra e terem vontade de ler. Posso dar um exemplo muito claro disso: eu organizo o Fórum das Letras, na minha cidade, há 10 anos, e quando eu comecei, Ouro Preto não tinha nenhuma livraria. Hoje tem

três, muito ativas, interessantes, com muitos livros, muito procuradas. Então, o que isso mostra? Conhecer o autor leva ao livro, você acaba tendo curiosidade e tendo interesse pelo livro.

Essa homenagem ao Brasil pode ser vista apenas em termos de recorte ou ela pressupõe uma literatura nacional em termos estéticos? Existe uma literatura nacional hoje?

Hoje há várias literaturas, como sempre houve. Quando se busca uma ideia de nacional, geralmente busca-se algo homogêneo, que expresse aquilo que seria a alma do povo brasileiro, como se isso fosse possível, quando, na verdade, há muitas diferenças. Um país com muitas diferenças, tanto regionais quanto sociais, diferenças de poder aquisitivo, diferenças de possibilidades. A literatura brasileira reflete isso: há de tudo hoje, há uma grande diversidade na literatura brasileira, assim como há uma grande diversidade na nossa cultura. Encontramos desde uma literatura mais engajada até uma literatura bem intimista, como a de Clarice Lispector, por exemplo, e sem que isso seja um problema. Felizmente, nós não estamos mais no tempo das patrulhas ideológicas. Eu diria que não há uma literatura nacional, há várias literaturas e essas literaturas estão cada vez mais pujantes, intensas, buscando tratar de questões e problemas num arco muito grande, que vão do existencial ao social, do particular ao universal e, mais do que nunca, os autores brasileiros estão conquistando uma universalidade, entre outras coisas, a partir da busca de uma linguagem mais identitária, da sua região, do seu mundo, do seu universo de valores.

Essas dicotomias fazem pensar em uma outra, importante, a do centro/periferia. Como lidar com a questão na curadoria de um evento como esse?

Atualmente, essa diferença, esse abismo entre o que se chama de periferia e centro, está muito mais diluída do que no passado, há pouco tempo atrás. O Brasil viveu, nos últimos anos, uma imagem de prosperidade, uma certa euforia desenvolvimentista que acabou gerando uma sensação quase que inversa, como se o Brasil se tornasse centro em relação a uma Europa que estava marcada pela crise. Essas diferenças estão

mais relativizadas hoje. Não sei se o Brasil, hoje, pode ser considerado periferia, ele está numa espécie de meio do caminho, é impressionante como chama atenção no mundo. Há um enorme interesse pelos caminhos que o país vai tomar nos próximos anos. Estamos entrando agora em um período recessivo e vamos ver qual vai ser o resultado.

Como o fato de ser escritora contemporânea influencia sua percepção da curadoria?

Esse meu dinamismo na busca de um lugar ao sol para a literatura brasileira é o resultado de uma história difícil de uma escritora de província. Nasci em Ouro Preto, sou casada, tenho filhos, fiz uma vida lá. Quando eu recebi o prêmio Casa de las Americas, após ter enviado um livro inédito, *O fruto do vosso ventre*, esperava ter mais facilidade para publicar meus próximos livros, esperava que os jornais fossem falar do livro quando ele saiu do Brasil, mas isso não acontecia. A literatura brasileira é muito centrada em São Paulo e Rio de Janeiro e, às vezes, livros muito bons passam despercebidos. Isso me tocava, me angustiava. Então eu construí toda a minha história tentando fazer com que escritores como eu, da província, que não estavam no *mainstream*, no centro das atenções, não tinham facilidades de aceder à mídia, tivessem a possibilidade de publicar seus livros e de ter alguma atenção dada ao seu trabalho.

Essa é uma publicação estudantil e eu queria dizer aos estudantes que nós trabalhamos para nós mesmos quando começamos a pensar no coletivo. Quando começamos, de fato, a pensar em algo que seja para os outros, é que alcançamos objetivos próprios. É muito importante deixar o individualismo, abraçar uma causa e ir à luta, encontrar a chama do desejo de transformação para todo mundo. Isso é muito importante.

Como professora, o que pensa da pesquisa em literatura brasileira contemporânea produzida na universidade atualmente?

Antes de tudo, na minha opinião, a universidade é um lugar maravilhoso para quem quer escrever, para quem quer fazer arte. Falo isso para os meus filhos, que são artistas. Porque ela propicia o encontro, propicia o diálogo. Para alguém que tem criatividade, a universidade é

um caminho maravilhoso, é uma fonte de novas perspectivas. Sobre o conhecimento, acredito que a literatura brasileira contemporânea está sendo muito bem estudada nas universidades. Penso que o esforço que está sendo feito no exterior, nesse sentido, é mais interessante do que o que está sendo feito no Brasil. No Brasil, há uma certa reverência em relação ao passado, aos clássicos. Estuda-se mais os clássicos e menos a literatura contemporânea, que merece, também, muita atenção. De todo modo, acho que deveria haver mais interesse acadêmico pela literatura contemporânea.

Como vai a sua atividade como escritora?

E eu estou, agora, vivendo um retorno à literatura. Vou publicar um livro, um romance. Depois de todos esses anos – meu último livro de ficção foi publicado em 2006. Parei muito tempo, enveredei por uma vida acadêmica, mestrado, doutorado, quando, na verdade, o que eu queria, o que sempre quis, foi escrever. Quando eu fui convidada primeiro para ser editora, depois para esse Salão, eu deixei esse livro na gaveta, ele ficou ali esses anos todos, esperando e, agora, depois do Salão do Livro ele vai sair. Esse retorno é muito importante para mim.

Pode falar um pouco sobre o livro?

É a história de uma jornalista que busca o irmão desaparecido na guerrilha do Araguaia. O livro trata da presença do ausente. A presença obsedante de uma pessoa que você acha que vai voltar um dia. Não tem osso para enterrar, não houve um corpo. Há sempre uma angústia da espera, da ausência. É disso que trata o livro. Também trata de problemas que são problemas do Brasil, mas que têm muito a ver, também, com a minha história pessoal: meu pai morreu de uma maneira um pouco misteriosa, não foi um desaparecimento. Eu estou colocando muito intento nisso, todo o meu desejo está voltado para esse retorno à literatura.